

## O MÉDICO DA FAMÍLIA

ASSAF HADBA<sup>1</sup>

---

HADBA A – O médico da família.  
Rev bras Colo-Proct., 1988; 8(1): 39-40

---

*“A perpetuação da espécie que aproxima os dois sexos e o amor que torna mais duradoura a associação do homem e da mulher é a Família”*

Este médico que se chamou “de família” era cultor da ética e do respeito, digno e humano sacerdote da medicina. A sua presença no lar onde padecia qualquer familiar já era um bálsamo, uma esperança e uma certeza, pois a figura venerada do “doutor” não curava apenas os doentes de moléstia, mas todos os males que afligiam a família, aquela massa cuja argamassa de amor consolidava a espécie. A figura messiânica do médico de família não era apenas uma posição social ou formal que lhe dedicavam respeitosamente e sim fruto de credibilidade que todos lhe devotavam pelo sacro mister que exercia. A chegada do doutor de família aos mais humildes lares era a frontal e brilhante luz incidente nas trevas que cobriam as sendas da esperança e do alívio. À sua austeridade correspondia sempre a gratidão de todos os familiares.

A sua presença, além dos assuntos médicos, trazia à baila, por parte da família, problemas dos mais variados, desde aqueles de ordem econômica até os mais íntimos, de causa familiar, para seu conselho e solução. Todos ainda nos recordamos dos tempos de criança quando víamos surgir ou atravessar os umbrais de nossas casas aquela figura inesquecível do médico da família, recebido pelos nossos pais com a reverência e o respeito que a nobreza da medicina lhes infundia.

Ao adentrar o quarto do doente, sempre envolto pelo silêncio de todos, o doutor era admirado e atraía, pela sua presença, até os vizinhos mais próximos, num visível

interesse e desejo de agradecer aos Céus a presença de um seu representante.

Quantas vezes, menino ainda, vimos nossa mãe buscar a mais nova bacia, flambando-a, e enchê-la de água às vezes coada, toalha limpa, até engomada, e sabonete sempre novo para que o doutor, após a consulta, lavasse as mãos. Sim, hoje é mais higiênico, com água a fluir pelas torneiras, sempre tratadas pelos modernos sistemas, toalhas esterilizadas e sabonete de composição química mais eficiente, porém sem o valor humano do ambiente sagrado da família.

Este médico de antanho, cuja sensibilidade e poder de apreensão dos problemas familiares era tal que se acoplava ao grupo, tornando-se um elemento do mesmo, sofria, muitas vezes, as mesmas emoções de alegria e os mesmos prantos no infortúnio. Por esta formação, imposta pela própria sistemática médica, era ele mais humano e mais devotado aos problemas de saúde e altamente interessado pelos seres da comunidade.

O médico assim moldado, fazendo parte integrante de problemas comuns e particulares, não distinguia a família rica ou pobre, dando a ambas o atendimento de que necessitavam.

Das famílias pobres recebia, além da gratidão perene, frangos, cabritos ou leitões, e da família rica, além do pagamento em dinheiro, presentes dos mais variados, uma amizade sempre saudável e um reconhecimento imortal. Para os médicos de família, segundo São Lucas, os deuses jamais disseram o significado da existência do homem, mas podemos dar às nossas próprias vidas uma significação. Dizia ele: “A que dei à minha foi a de aliviar a dor e o sofrimento, salvar os moribundos e evitar a intromissão da morte”.

Médico de família, cultor da ciência médica, arte de amor e da caridade, fruto de uma época onde a competência profissional quase nunca era substituída pela falta de heroicidade, desamor ou lamentável falha vocacional. O médico de família, pela sua vivência, obtinha uma condição de alto louvor para exercer a medicina, com-

---

<sup>1</sup> Colo-proctologia de Bauru, São Paulo.

preendendo o que os outros não compreendiam, vendo o que os outros não viam e vislumbrando o que os outros não vislumbrariam.

Aluisio de Castro realçava em Miguel Couto o símbolo do médico de família e, em certa oportunidade, dizia do ilustre mestre: “Voltado à clínica por irresistível vocação, sublimou o sacerdócio na constante e desvelada assistência ao sofrimento. Não se conhece no Brasil exemplo tão dilatado, tão intenso e tão merecido prestígio clínico. Nele estava a bondade verdadeira, a única digna desse nome, a virtude integral que traz em si todas as outras. Ele viveu de fato na medicina, praticando-a, ensinando-a e glorificando-a”. Miguel Couto, segundo amigos, faz jus às palavras de Aluisio, pois dizia sempre com muito orgulho: Entro nas famílias no primeiro dia como estranho, no segundo já como amigo e, no terceiro, como irmão mais velho, o conselheiro da hora amarga”. Francisco Assis Barbosa, em retrato de família, num grande instantâneo íntimo, mostra a confissão que a esposa de Miguel Couto, Dona Cotinha, fez a Humberto de Campos: “O meu trabalho, quando morre um cliente do Miguel, é tirar-lhe do bolso os lenços ensopados de lágrimas. E o pior é que ele traz os dele e ainda os dos filhos e da viúva do defunto.”

Pobre médico de hoje, para quem a família é uma história, e o momento, dura realidade de desamor e interesse. Sedentos de esperança, deixam as escolas para serem tragados pela estrutura materialista e desumana que o robotiza de forma cruel e impiedosa.

O nome do médico era um fortalecimento para a família e um respaldo para a sociedade. Hoje, sem nome, despersonalizado e esmagado pela estrutura que transformou o paciente em número, o médico se distanciou de sua vocação, de seus anseios e de seus objetivos para transformar a doença e o doente em doloroso produto de mercantilização.

Diferente do passado, onde o consultório era a trincheira de todas as batalhas, o pobre médico de nossos dias sujeita-se ao trabalho de empregos obrigatórios para o mínimo de sua sobrevivência, marginalizado e agredido

pela sociedade de consumo a exigir mão-de-obra barata e meramente instrumental. Tiram-lhe a noção do sagrado dever, emasculam-lhe todas as aspirações, silenciam-lhe o trabalho sem uma declaração de finalidade, obrigando-o ao corre-corre na escalada do cifrão. É melancólica a posição do profissional de hoje, subordinando-se ao rompimento da relação médico-paciente e perto de aceitar que o tempo das afeições românticas e repletas de eternecimento ficaram para o passado. Como mascates ávidos pelo progresso financeiro, atendem apenas ao chamado de faturas, seja lá de que forma. Muitos são empregados das tristes empresas médicas, em que o empresário-empregador, na mais infeliz das realidades, pela manhã imita o apóstolo beijando o Mestre e, à noite, tilintando as moedas da bolsa, prega o beijo da traição.

O médico de hoje paga caro o preço da massificação do atendimento a todas as classes sociais, que se de um lado beneficia muitos que jamais teriam acesso ao tratamento médico-cirúrgico, por outro leva fatalmente para o caos a medicina brasileira, tirando a motivação e o estímulo dos profissionais num infortunado nivelamento por baixo. A continuar esta marcha sem critério ou definição, em que se trocou a qualidade pela quantidade, teremos muito em breve o aviltamento total dos médicos e saudades dos tempos da medicina liberal. Tirar a oportunidade dos 9.500 médicos que anualmente se formam neste país, sem lhes dar o amparo e a certeza de que podem iniciar a profissão e jogá-los ao sub emprego, é perigosa opção.

Pelas muitas razões que estão no coração de todos, urge para a família moderna a volta de um moderno médico de família.

Na escalada para o bem comum, levamos a todos o pensamento do ilustre filósofo Jean Cruet, no livro “A Vida do Direito e a Impotência das Leis”, em que diz: “Vê-se todos os dias a sociedade refazer as leis, mas não se viu jamais a lei refazer a sociedade”.

Somente a luta para o livre exercício profissional concederá à moderna sociedade a volta ao médico de família e a digna postura da medicina.